

VII EBIME.

VII Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística

12-14 de novembro de 2025

Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil



**Caderno de resumos e
Programação**

VII EBIME
ENCONTRO BRASILEIRO DE IMAGINÁRIO E ECOLINGUÍSTICA
12 - 14 DE NOVEMBRO DE 2025

FICHA TÉCNICA

VII EBIME - Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística

Periodicidade: bianual

Encontro científico: 12 - 14 de novembro de 2025

Local: Universidade Federal de Goiás /UFG - Campus Samambaia/ Faculdade de Letras

ISSN 2447-5289

Editores Responsáveis: Anderson Nowogrodzki da Silva (UFG/NELIM/GEPLÉ)
Elza Kioko N. N. do Couto (UFG/NELIM/CNPq)

Endereço:

Campus Samambaia (UFG), Faculdade de Letras

Av. Esperança, S/N – Chácaras Califórnia

Goiânia – GO – Brasil

CEP: 74690-900

Telefone: (62) 3521-1160

Homepage: <https://letras.ufg.br/>

COORDENAÇÃO GERAL

Anderson Nowogrodzki (UFG/NELIM/GEPLÉ)

Elza Kioko N. N. do Couto (UFG/NELIM)



VII Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística

12-14 de novembro de 2025
Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil

Caderno de resumos e Programação



ISSN:
2447-5289

Website: <https://quartoebime.wixsite.com/viiebime>

GOIÂNIA-GO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
2025



VII Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística

12-14 de novembro de 2025
Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil

COMISSÃO ORGANIZADORA

Anderson Nowogrodzki da Silva (UFG)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG)

Erick Samuel Silva Thomas (UFG)

Heloanny de Freitas Brandão (UFG)

Hildo Honório do Couto (UnB)

Rosemeire Luiza de Assis Schmaltz (UFG)



VII Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística

12-14 de novembro de 2025
Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alexandre António Timbane (UNILAB)

Anderson Nowogrodzki da Silva (UFG)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG)

Erick Samuel Silva Thomas (UFG)

Gilberto Paulino de Araújo (UFT)

Heloanny de Freitas Brandão (UFG)

Hildo Honório do Couto (UnB)

Lorena Araujo de Oliveira Borges (UnB)

Maria Célia Dias de Castro (UEMA/UEMASUL)

Rosemeire Luiza de Assis Schmaltz (UFG)

Rui Ramos (Universidade do Minho)

Samuel de Sousa Silva (UFMT)

Zilda Dourado (UEG)

SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO RESUMIDA.....	6
PROGRAMAÇÃO DETALHADA.....	9
RESUMOS.....	15

Programação Resumida

Primeiro dia (quarta-feira, 12 de novembro de 2025)	
9h – 9h15	Sessão de abertura
9h15 – 10h15	Palestra de abertura – Prof. Dr. Samuel de Sousa Silva (UFMT)
10h15 – 10h30	Intervalo
10h30 – 12h	Sessão de comunicações
12h – 14h	Intervalo para almoço
14h – 15h	Palestra - Prof. Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS)
15h – 15h15	Intervalo
15h15 – 17h	Sessão de comunicações

Segundo dia (quinta-feira, 13 de novembro de 2025)	
9h – 10h00	Palestra - Prof. Dr. Hertz Wendell de Camargo (UFPR)
10h – 10h15	Intervalo
10h15 – 12h	Sessão de comunicações
12h – 14h	Intervalo para almoço
14h – 15h	Palestra – Prof. Dr. Fred Schmaltz
15h – 15h15	Intervalo
15h15 – 17h	Sessão de comunicações

Terceiro dia (sexta-feira, 14 de novembro de 2025)	
9h – 10h	Palestra - Profa. Dra. Zilda Dourado
10h – 10h15	Intervalo
10h15 – 12h	Sessão de comunicações
12h – 14h	Intervalo para almoço
14h – 15h	Minicurso - Prof. Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS)
15h – 15h15	Intervalo
15h15 – 17h	Sessão de comunicações
17h – 17h30	Encerramento

Programação Detalhada

Primeiro dia (quarta-feira, 12 de novembro de 2025)	
9h – 9h15	Sessão de abertura
9h15 – 10h15	Palestra de Abertura
	<p><i>O império contra-ataca – uma análise simbólica ecossistêmica da geopolítica contemporânea</i></p> <p>Samuel de Sousa Silva (UFMT)</p>
10h15 – 10h30	Intervalo
10h30 – 12h	Sessão de comunicações
	<p><i>O uso da inteligência artificial na educação linguística sob a perspectiva ecológica: praxiologias de professores/as em sistemas de influência distintos</i></p> <p>Gabriel Gomes Ferreira Moreira</p>
	<p><i>Desenvolvimento da competência oral no ensino de língua estrangeira com o uso de podcasts</i></p> <p>Danilson Francisco Gomes Embaná</p>
	<p><i>Crepúsculo dos deuses, aurora das marcas: a mitologia de marca como instrumentalização do imaginário</i></p> <p>Hertz Wendell de Camargo</p>
12h – 14h	Intervalo/Almoço
14h – 15h	Palestra
	<p><i>Ecologia Sobrenatural: uma visão holística dos seres liminais na conservação do meio ambiente</i></p> <p>Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS)</p>
15h – 15h15	Intervalo

15h15 - 17h	Sessão de Comunicações
	<i>O Ecossistema dos Signos: Ecolinguística e Semiótica na Publicidade de Marcas de Luxo</i>
	Ana Caroline de Bassi Padilha Ayumi Nakaba Shibayama Hertz Wendell de Camargo
	<i>O Babalawo: um ecolinguista avant la lettre</i>
	Alex Kévin Ouessou Idrissou
	<i>O papel do professor de Língua Portuguesa à luz da Ecolinguística: uma mudança necessária</i>
	Anderson Nowogrodzki da Silva

Segundo dia (quinta-feira, 13 de novembro de 2025)	
9h – 10h	Palestra
	<i>Consumo, imaginário e mídia – a jornada de pesquisa</i>
	Hertz Wendell de Camargo (UFPR)
10h – 10h15	Intervalo
10h15 – 12h	Sessão de Comunicações
	<i>O sistema botânico do Candomblé Ketu: imaginário ecológico e representações sociais no pensamento de Mãe Stella de Oxóssi</i>
	Lívia Maria da Silva Gonçalves Antonio Marcos Tosoli Gomes Ana Angélica Martins da Trindade Alex Kévin Ouessou Idrissou
	<i>Os etnônimos na toponímia goiana: relações eco-antropológicas</i>
	Anna Flávia Lima Souza Kênia Mara de Freitas Siqueira
	<i>Os hidrotopônimos goianos: relações ecológicas</i>
	Miliane Karen Silveira e Souza Kênia Mara de Freitas Siqueira

	<p><i>O lexico de Major Porto pela perspectiva da ADE</i></p> <p>Elza Kioko N. N. do Couto</p>
12h – 14h	Intervalo/Almoço
14h – 15h	<p>Palestra</p> <p><i>Reflexões sobre o tecido mitodológico dos ecossistemas na pós-modernidade</i></p> <p>Fred Schmaltz</p>
15h – 15h15	Intervalo
15h15 – 17h	<p>Sessão de Comunicações</p> <p><i>Tutoria humana e artificial na interface digital: uma leitura ecossistêmica do discurso</i></p> <p>Heloanny de Freitas Brandão Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto</p> <p><i>Memória, cultura e linguagem cinematográfica: interações comunicativas no filme Rainha de Katwe sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecossistêmica (ADE)</i></p> <p>Erick Samuel Silva Thomas Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto</p> <p><i>O uso da língua para compreender seu funcionamento: textos da Mafalda como ponto de partida nas aulas de Língua portuguesa</i></p> <p>Mel Lissandra de Castro Anderson Nowogrodzki da Silva</p> <p><i>Novas categorias de análise para a Análise do Discurso Ecossistêmica: um olhar integrador sobre a dinâmica discursiva</i></p> <p>Anderson Nowogrodzki da Silva</p>

Terceiro dia (sexta-feira, 14 de novembro de 2025)	
9h – 10h	Palestra
	<i>Tópicos de Antropologia do Imaginário para a educação leitora</i> Zilda Dourado (UEG)
10h – 10h15	Intervalo
10h15 – 12h	Sessão de Comunicações
	<i>O Dialogismo das Representações Femininas: Análise da “Final Girl” no Horror Slasher Clássico e Contemporâneo pela Perspectiva da Análise do Discurso Ecológico</i> Letícia Elias Costa Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto
	<i>Raízes que falam: memória e testemunho na poesia de Conceição Lima</i> Fernanda Sousa Rosa Zilda Dourado Pinheiro
	<i>A obra de Paulina Chiziane na escola: um relato de experiência de uma ação do PIBID interdisciplinar Letras/Educação Física</i> Jardeane da Silva Oliveira Karina Alves Da Costa Dos Santos Santos Maria Fernanda Cândido Ferreira Lorenzo Santos de Menezes Zilda Dourado Tereza Cristina da Silva e Sousa
	<i>Sala de aula, berço de cultura: etnoliteratura e o ensino de Língua Inglesa na escola pública</i> Priscylla Alves Lima

12h – 14h	Intervalo para almoço
14h – 15h	Palestra
	<p><i>Ecologia, Imaginário e a conservação da diversidade biocultural</i></p> <p>Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS)</p>
15h – 15h15	Intervalo
15h15 – 17h	Sessão de Comunicações
	<p><i>A simbologia do diário de viagem para acadêmicos do curso de Letras</i></p> <p>Zilda Dourado Alexandre Ribeiro Aquino</p>
	<p><i>O estudo simbólico do poema “Jardim Fechado”, da Leodegária de Jesus, sob o viés da Antropologia do Imaginário.</i></p> <p>Zilda Dourado Rosângela do Nascimento Costa</p>
	<p><i>Abordagem linguístico-ecossistêmica da comunidade de fala Vão de Almas</i></p> <p>Gilberto Paulino de Araújo Hildo Honório do Couto Adão Fernandes da Cunha</p>
	<p><i>A poesia de Márcia Kambeba na escola: um relato de experiência do PIBID interdisciplinar Letras/Educação Física</i></p> <p>Danielle Souza Martins Gabriel Ferreira de Sousa Fabrienny Vieira Alves Náthany Gomes da Silva Zilda Dourado Tereza Cristina da Silva e Souza</p>
17h – 17h30	Encerramento

Resumos

12 de novembro de 2025 – Palestra de abertura (9h15 – 10h15)

O IMPÉRIO CONTRA-ATACA – UMA ANÁLISE ECOSISTÊMICA DA GEOPOLÍTICA CONTEMPORÂNEA.

Samuel de Sousa Silva (UFMT)

No presente trabalho, debateremos e posteriormente analisaremos o que seria um ecossistema econômico mundial capitalista, focando no caráter desigual desse ecossistema, em que uma nação (USA) se apresenta como centro desse sistema econômico abrangente. Para essa análise nos basearemos das definições pioneiras de ecossistema do botânico inglês Arthur George Tansley (1935). E quanto a definição de um ecossistema econômico, utilizaremos o conceito de sistema-mundo-capitalista de Immanuel Wallerstein (1974). Como resultado dessa análise, vamos ver como os últimos acontecimentos do tarifaço de Donald Trump apontam para uma nova reestruturação no sistema-mundo-capitalista, em que os USA caminham inexoravelmente para deixar o lugar de “centro” desse sistema, em um processo em que os mitos de sustentação de uma ideologia do império se desmoronam pelas colisões com as materialidades de rearmonização do ecossistema.

12 de novembro de 2025 – Sessão de comunicações (10h30 - 12h)

**O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA
SOB A PERSPECTIVA ECOLÓGICA: PRAXIOLOGIAS DE
PROFESSORES/AS EM SISTEMAS DE INFLUÊNCIA DISTINTOS**

Gabriel Gomes Ferreira Moreira (UFG/ PPGLL)

Este estudo tem como objetivo investigar as praxiologias de professores/as de língua inglesa em relação ao uso da Inteligência Artificial (IA) na educação linguística, a partir da Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1979, 2007). Fundamentado nessa perspectiva, o estudo considera que o uso pedagógico da IA é influenciado por diferentes níveis contextuais – do microssistema da sala de aula ao macrossistema sociocultural. Adota-se uma metodologia de natureza qualitativa e descritiva, tendo como instrumento principal um questionário elaborado para contemplar os cinco sistemas ecológicos: microssistema, mesossistema, exossistema, macrossistema e cronossistema. As perguntas buscam compreender tanto as experiências diretas dos/as docentes com a IA quanto as influências institucionais, culturais e temporais que moldam suas práticas. Espera-se que os resultados contribuam para a compreensão das múltiplas dimensões que permeiam a integração da IA na educação linguística, oferecendo subsídios para a formação docente e para a construção de políticas educacionais mais contextualizadas.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Educação linguística. Teoria Ecológica.

DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA ORAL NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA COM O USO DE PODCASTS

Danilson Francisco Gomes Embaná (UnB/ PPGLA/ CAPES)

Esta pesquisa investiga como os podcasts podem contribuir para o desenvolvimento da competência oral em inglês como língua estrangeira, situando-se no contexto do ensino público brasileiro e alinhando-se à concepção do inglês como língua franca. A produção oral constitui uma prática política de afirmação identitária, perspectiva consolidada por autores como Rajagopalan (2003), Siqueira (2005; 2018) e Nunes et al. (2025). Parte-se do reconhecimento da língua falada como um fenômeno dinâmico e culturalmente situado, cujo ensino deve transcender o instrumentalismo linguístico para adotar uma perspectiva crítica e multicultural. Nesse sentido, as tecnologias de informação, comunicação e expressão, como os podcasts, emergem como ferramentas capazes de descentralizar o ensino de línguas, transformando o aluno em agente ativo de sua aprendizagem e de trazer para o processo de ensino e aprendizagem aspectos sociais e culturais contextualizados com a realidade dos alunos e do lugar. Os objetivos específicos do estudo são: 1) analisar as contribuições dos podcasts para a melhoria da pronúncia e entonação; 2) compreender seu impacto no desenvolvimento da confiança para a comunicação espontânea; e 3) identificar as percepções dos alunos sobre o uso desse recurso no aprendizado da oralidade. Para dar conta do nosso objetivo geral que Busca investigar de que maneira a utilização de podcasts pode promover o desenvolvimento da competência oral em aprendizes de uma língua estrangeira. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, baseada em um estudo de caso em um Centro de Línguas do Distrito Federal. A análise dos dados, fundamentada nas técnicas de análise de conteúdo de Bardin, permitirá um exame sistemático e aprofundado das evidências coletadas, identificando lacunas e potencialidades no campo. Espera-se que os resultados demonstrem que os podcasts, ao ampliar o acesso à diversidade de vozes e sotaques e estimular a produção midiática pelos alunos, não apenas desenvolvam a habilidade oral, mas também desconstruam visões padronizantes e colonialistas da língua, promovendo uma educação linguística mais inclusiva e politicamente consciente.

Palavras-chave: Ensino de Línguas; Inglês como Língua Franca; Tecnologias de Informação, Comunicação e Expressão.

CREPÚSCULO DOS DEUSES, AURORA DAS MARCAS: A MITOLOGIA DE MARCA COMO INSTRUMENTALIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO

Hertz Wendell de Camargo (PPGCOM/UFPR)

A partir do conceito de marcas são os novos mitos circulantes na sociedade do consumo, o estudo investiga a criação de novos mitos e instrumentalização dos mitos existentes no contexto do branding, analisando como narrativas simbólicas são utilizadas para criar identidades de marca fortes e engajadoras. Fundamentado em teorias da semiótica, comunicação simbólica e *brand storytelling*, o trabalho dialoga com autores dos campos da psicologia, antropologia e consumo para compreender o papel do imaginário na percepção das marcas. A metodologia adotada é qualitativa, com análise documental de campanhas publicitárias, filmes publicitários e criações digitais. Os resultados indicam que a mitologia de marca vai além do simples apelo emocional, funcionando como um mecanismo estratégico para estabelecer vínculos culturais profundos e permanentes com o público. O estudo conclui que marcas bem-sucedidas utilizam arquétipos e narrativas míticas não apenas como roteiros, mas como exemplo de estruturas mitorreligiosas para construir significado e diferenciação no mercado competitivo.

Palavras-chave: mitologia de marca. branding. imaginário coletivo.

12 de novembro de 2025 – Palestra (14h – 15h)

ECOLOGIA SOBRENATURAL: UMA VISÃO HOLÍSTICA DOS SERES LIMINAIS NA CONSERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS)

A apresentação visa integrar conceitos modernos de biologia e genética com aqueles de diferentes tradições místico-espirituais que lidam com a manifestação intercultural dos seres liminais. Povos e comunidades tradicionais, por meio de suas de suas espiritualidades, criaram crenças e práticas que desempenham papéis fundamentais na proteção e manejo de espécies da fauna e flora, bem como na conservação de espaços naturais ao longo de gerações. O conceito de simbiogênese é o mais adequado para demonstrar que a vida está relacionada à cooperação necessária entre os mais variados organismos de nossa dimensão física, e entre estes e as mais diversas classes de seres do mundo sutil ou liminar. Porém, no atual estágio de desenvolvimento científico, as energias conscienciais como fadas e outros seres do mundo liminal ainda não são contempladas. Com o objetivo de conhecer melhor o impacto das ações humanas na natureza, com foco na manutenção das espécies, na distribuição social dos recursos e no consumo responsável, podemos desenvolver e aplicar preceitos ético-ecológicos que incluam os seres encantados.

12 de novembro de 2025 – Sessão de comunicações (15h15-17h)

**O ECOSSISTEMA DOS SIGNOS:
ECOLINGUÍSTICA E SEMIÓTICA NA PUBLICIDADE DE MARCAS DE
LUXO**

Ana Caroline de Bassi Padilha (UFPR)

Ayumi Nakaba Shibayama (UFPR)

Hertz Wendell de Camargo (UFPR)

O presente artigo tem como objetivo realizar a análise de uma marca de luxo, com foco no segmento de cosméticos, destacando sua relevância no mercado global e a utilização estratégica de signos para transmitir seus valores. A escolha da marca se justifica por sua tradição e longevidade no mercado, sendo uma das mais antigas ainda em atividade. O estudo incorpora a perspectiva da Ecolinguística, que investiga as relações entre linguagem e seus meios natural, mental e social (COUTO, 2007, 2013; COUTO E., 2022), reconhecendo a marca como parte de um ecossistema simbólico e cultural. A análise fundamenta-se na teoria semiótica de Martine Joly (2007), com foco na forma como os signos visuais e linguísticos são empregados para a construção da identidade da marca, seus valores e sua imagem. A metodologia adotada baseia-se na focalização (COUTO, 2018), permitindo uma abordagem integrada do objeto: em nível microscópico, ao analisar os elementos icônicos, plásticos e linguísticos segundo Joly (2007), e em nível macroscópico, ao compreender como esses signos se articulam em um sistema comunicativo mais amplo, influenciado por fatores socioculturais. O estudo pretende contribuir para o campo da análise semiótica de marcas, demonstrando como os signos, ao interagir em um ecossistema de significação, podem reforçar a comunicação das marcas de luxo e gerar conexões simbólicas e emocionais com os consumidores.

Palavras-Chave: Ecolinguística. Semiótica. Mercado de Luxo.

O BABALAWO: UM ECOLINGUISTA AVANT LA LETTRE

Alex Kévin Ouessou Idrissou (UFG)

O trabalho investiga a figura do Babalawo, sacerdote do sistema de adivinhação Ifá na tradição iorubana, como expressão originária de um pensamento ecolinguístico anterior à formulação moderna da disciplina. Parte-se da hipótese de que a prática interpretativa do Babalawo articula linguagem, natureza e comunidade em um sistema simbólico de equilíbrio e interdependência. Assim, o saber de Ifá é compreendido como uma ecologia da palavra, em que o verbo possui agência e atua na restauração do vínculo entre o humano e o cosmos. O estudo combina uma abordagem teórico-epistemológica, inspirada na ecolinguística de Haugen (1972), Couto (2009; 2013), Steffensen (2024; 2024^a; 2024^b) e nos estudos do imaginário Durand (1968; 2002), com uma análise discursiva e simbólica de versos de Ifá. Mostra-se que a oralidade ritual do Babalawo traduz uma visão de mundo ecológica, na qual cada enunciação é performativa e ética, pois visa à preservação da harmonia vital. Ao propor o Babalawo como um “ecolinguístico avant la lettre”, a comunicação contribui para descolonizar o campo ecolinguístico, revelando que práticas africanas de oralidade já continham, em sua estrutura, princípios de equilíbrio entre linguagem, vida e ambiente.

Palavras-chave: ecolinguística; oralidade; epistemologia iorubana.

O PAPEL DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA À LUZ DA ECOLINGUÍSTICA: UMA MUDANÇA NECESSÁRIA

Anderson Nowogrodzki da Silva (UFG/GEPL/NELIM)

A sociedade contemporânea é marcada pela fluidez das relações sociais e pela instantaneidade comunicativa das redes digitais. Esse cenário exige uma revisão urgente do papel do professor de Língua Portuguesa, historicamente concebido como transmissor de conteúdos prontos e acabados. Essa concepção, sustentada por políticas educacionais de caráter tecnicista e conservador, reduz o ensino a um processo mecânico voltado à formação de mão de obra, desconsiderando a dimensão humana e crítica da educação. Com o avanço tecnológico e a disponibilidade de informações, o docente deixa de ser o detentor do saber e passa a ocupar o lugar de mediador, articulador e provocador de sentidos. À luz da Linguística Ecológica e da Análise do Discurso Ecológico, entende-se a linguagem como parte de um ecossistema comunicativo que integra sujeito, cultura, tecnologia e ambiente. Assim, o professor precisa atuar como agente transformador, capaz de promover reflexões epilinguísticas e desenvolver práticas que valorizem a linguagem em sua materialidade e nas condições sociais que a constituem. Fundado também nas contribuições de Nowogrodzki da Silva (2025), Geraldi (2006) e Bagno (2009), este estudo propõe repensar a docência de Língua Portuguesa como prática ecológica, crítica e socialmente comprometida, que resiste à lógica neoliberal e constrói espaços de aprendizagem voltados à formação de sujeitos conscientes e atuantes.

Palavras-chave: Ecolinguística. Educação. Epilinguística. Ensino de Língua Portuguesa.

13 de novembro de 2025 – Palestra (9h – 10h)

CONSUMO, IMAGINÁRIO E MÍDIA – A JORNADA DE PESQUISA

Hertz Wendell de Camargo (UFPR)

A palestra apresenta uma trajetória de investigação sobre as relações entre consumo, imaginário e mídia, explorando como as práticas de consumo contemporâneas são atravessadas por narrativas simbólicas e mitológicas mediadas pela comunicação. Pretende-se expor o papel da mídia como produtora de mitos e imaginários coletivos e a forma suas produções se tornam depositários de valores culturais e afetivos.

13 de novembro de 2025 – Sessão de comunicações (10h15 - 12h)

**O SISTEMA BOTÂNICO DO CANDOMBLÉ KETU: IMAGINÁRIO
ECOLÓGICO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO PENSAMENTO DE MÃE
STELLA DE OXÓSSI**

Livia Maria da Silva Gonçalves (PPGENF/UERJ)

Antonio Marcos Tosoli Gomes (UERJ)

Ana Angélica Martins da Trindade (UFBA)

Alex Kévin Ouessou Idrissou. (UFG)

O estudo analisa o Sistema Botânico do Candomblé Ketu (SBCK), conceito desenvolvido por uma das autoras para designar o conjunto de saberes ecológicos, simbólicos e terapêuticos expressos nas folhas, por meio de cânticos e mitos, a partir da obra “O Que as Folhas Cantam (Para quem canta folha)”, de Mãe Stella de Oxóssi. Fundamentada na Teoria das Representações Sociais, na Antropologia do Imaginário e na Ecolinguística, a pesquisa compreende o ritual Sàssányìn, em que folhas, cânticos e mitos associam-se como fundamentos do cuidado e da natureza. A pesquisa visa também entender como esses elementos simbólicos influenciam a forma como as pessoas se relacionam com o meio ambiente e entre si, promovendo uma reflexão sobre a importância da preservação ambiental e da solidariedade nas relações humanas. Além disso, busca-se analisar de que forma essas narrativas mitológicas podem contribuir para a construção de uma consciência coletiva mais sustentável e empática. De abordagem qualitativa, documental e interpretativa, a análise evidencia os processos de ancoragem (integração das plantas ao universo mítico e aos orixás) e objetivação (materialização do axé nas práticas rituais). Os resultados indicam que o SBCK constitui um sistema simbólico e ecolinguístico de saber afrocentrado, no qual o verbo, o vegetal e o mito se entrelaçam na manutenção da vida e do axé. Mãe Stella expressa uma filosofia do cuidado e uma epistemologia ecológica, espiritual e ética que reinscreve o Candomblé Ketu como sistema de linguagem, saúde e cuidado.

Palavras-chave: Candomblé Ketu. Etnobotânica. Representações Sociais.

OS ETNÔNIMOS NA TOPONÍMIA GOIANA: RELAÇÕES ECO-ANTROPOLÓGICAS

Anna Flávia Lima Souza (POSLLI/UEG)

Kênia Mara de Freitas Siqueira (POSLLI/UEG)

Este estudo busca identificar os etnônimos na macrotoponímia goiana a fim de verificar em que âmbito se nomes atribuídos aos povos originários que viviam no território (T) goiano antes dos bandeirantes, falantes da Língua Geral Paulista (LGP), e como estes nomearam esses povos, falantes de outras línguas (L) até então não reconhecidas. Por meio da análise semântica, morfológica e sintática, procura-se identificar que motivações permearam a escolha desses etnônimos e não outros. Que características antropológicas são ressaltadas nesses nomes cuja origem é tupi? O aporte teórico é construído conforme os estudos que consideram os topônimos como repositório histórico, cultural, ambiental, simbólico que mantém referências diversas acerca de um dado lugar. O que remete aos estudos toponomásticos iniciados por Dick (1990). A metodologia consiste de um amálgama de procedimentos que aliam desde a revisão bibliográfica aos métodos comparativos, históricos e ecossistêmicos. Com essa perspectiva é possível reconhecer alguns etnônimos tais como Anicuns, Guarinos, Caiapônia, Crixás, Guarani de Goiás. O estudo também se atém aos topônimos criados por meio de derivações do etnônimo Goiás.

Palavras-Chave: Topônimos. Nomeação. Ecossistema.

OS HIDROTOPÔNIMOS GOIANOS: RELAÇÕES ECOLÓGICAS

Miliane Karen Silveira e Souza (POSLLI/UEG)

Kênia Mara de Freitas Siqueira (POSLLI/UEG)

Na macrotoponímia de Goiás, há aproximadamente quinze topônimos cujo termo tem origem em elementos hídricos, ou seja, tais locativos derivam de características relacionadas à água. Este estudo tem assim, o objetivo de verificar se os lugares designados por esses nomes estão de alguma forma relacionados à presença de água. O estudo visa recuperar elementos hídricos que, por ventura, constituíram a motivação para a escolha do topônimo. Nesse sentido, é possível também reconhecer o elo entre o nomeador, o povo (P) e os elementos do ambiente, do território (T), isso vincula a pesquisa à linguística ecossistêmica. Para a descrição dos signos toponímico, recorre-se aos estudos pioneiros de Dick (1990) e aos que a sucederam em âmbito da toponomástica no Brasil. A metodologia consiste, a princípio, dos procedimentos bibliográficos de abordagem qualitativa. Resultados preliminares indicam que os locativos de origem hídrica são normalmente, nomes compostos com um termo mais geral, que classifica que elemento existe ou existiu (Cachoeira), mais um qualificador (Dourada).

Palavras-Chave: Toponímia. Ecossistema. Elementos hídricos.

O LÉXICO DE MAJOR PORTO PELA PERSPECTIVA DA ADE

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG)

O presente estudo tem como objetivo analisar o léxico de Major Porto a partir da perspectiva da Análise do Discurso Ecológico (ADE). Considera-se o léxico como espaço de construção, negociação e circulação de sentidos, refletindo a relação entre sujeitos, ambiente e práticas socioculturais. Tomando como base a concepção de que o léxico não nomeia a realidade, mas recorta-a segundo necessidades e valores compartilhados, o estudo evidencia como as formas de nomeação configuram modos de pertencimento e organização simbólica da comunidade. O referencial teórico articula pressupostos da ADE, compreendendo a linguagem como ecossistema vivo, no qual elementos naturais, mentais e sociais coevoluem nas interações. Também se fundamenta em contribuições clássicas sobre léxico como expressão da percepção sociocultural do mundo, considerando a nomeação como ato de significação situado. A metodologia consiste em análise qualitativa de segmentos lexicais registrados em contexto comunitário, com foco nos campos da Antroponímia, Toponímia e Zoonímia. Observam-se processos de criação de nomes próprios, apelidos, hipocorísticos e denominações de lugares e animais, interpretados como índices discursivos de relações sociais, de trabalho, de parentesco e de memória coletiva. Os resultados indicam que o léxico de Major Porto constitui uma rede de referências compartilhadas, que organiza identidades e pertencimentos. A nomeação revela funções sociais, vínculos familiares, distinções de gênero e modos de relação com o território. Conclui-se que o léxico opera como ecossistema de sentidos, no qual linguagem e vida comunitária se constituem mutuamente.

Palavras-chave: léxico; ADE; nomeação; antroponímia; toponímia; zoonímia; ecossistema discursivo.

13 de novembro de 2025 – Palestra (14h – 15h)

REFLEXÕES SOBRE O TECIDO MITODOLÓGICO DOS ECOSSISTEMAS LINGUÍSTICOS NA PÓS-MODERNIDADE

Fred Schmaltz

Esta palestra, ancorada na mitodologia de Gilbert Durand (1993), analisa os processos de esvaziamento e reconfiguração das imagens das tecnologias do imaginário recorrentes na pós-modernidade (Maffesoli, 2004), considerando-as constitutivas de seus ecossistemas linguísticos.

Palavras-chave: mitodologia; pós-modernidade; ecossistema linguístico

13 de novembro de 2025 – Sessão de comunicações (15h15 - 17h)

TUTORIA HUMANA E ARTIFICIAL NA INTERFACE DIGITAL: UMA LEITURA ECOSSISTÊMICA DO DISCURSO

Heloanny de Freitas Brandão (PPGLL/UFG)
Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG)

Este estudo discute as interfaces entre tutoria humana e artificial, cultura e língua, a partir dos fundamentos da Análise do Discurso Ecológica (ADE). A teoria, de acordo com Couto e Fernandes (2021) e Couto e Ramadan (2023), concebe a língua/linguagem como fenômeno biopsíquico, social e cultural, emergente das interações entre os ecossistemas natural, mental e social. Busca-se compreender, a partir de uma visão ecológica de mundo, como os discursos produzidos em práticas tutoriais — presenciais e/ou mediadas por inteligência artificial — refletem valores, ideologia da vida e modos de subjetivação próprios. A metodologia consiste em revisão bibliográfica e análise conceitual, com base em princípios ecológicos e categorias de análise como interdependência, harmonia, ética do cuidado e vulnerabilidade, observando como esses princípios se atualizam em ambientes de ensino mediados tecnologicamente. Conclui-se que o ensino mediado por tecnologia se desenvolve em um habitat simbólico em que língua/linguagem, tecnologia e cultura coexistem de uma forma diferente: a partir de simulacros. Nesse contexto, surgem novas formas de interação e produção de sentidos.

Palavras-chave: Discurso. Ecossistema. Tutoria artificial.

**MEMÓRIA, CULTURA E LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA:
INTERAÇÕES COMUNICATIVAS NO FILME *RAINHA DE KATWE* SOB A
PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSISTÊMICA (ADE)**

Erick Samuel Silva Thomas (UFG/NELIM/CAPES)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/NELIM/CNPq)

Este trabalho busca analisar as interações comunicativas no filme *Rainha de Katwe* (2016), dirigido por Mira Nair. O objetivo é investigar como os elementos de memória, cultura e linguagem cinematográfica se entrelaçam para construir as interações entre os personagens, utilizando como arcabouço teórico a Análise do Discurso Ecológico (ADE), a qual analisa os efeitos de sentidos, considerando os ecossistemas natural, mental e social (Couto; Ramadan, 2024). O filme narra a história de Phiona Mutesi, uma jovem de Uganda que faz de tudo para alcançar os seus objetivos e realizar o sonho de sua mãe de ter a casa própria. Phiona é orfã de pai e moradora de uma região bem pobre em seu vilarejo e, desde criança, foi obrigada a largar a escola por falta de dinheiro, mas agora está decidida a enfrentar todos os obstáculos. A pesquisa se debruçará sobre a linguagem cinematográfica em sua totalidade, analisando não apenas os diálogos, mas também a simbologia das imagens (Aumont, 2002), os recursos sonoros, a cenografia e a performance dos atores, que juntos constroem o sentido e a coerência do discurso (Mascarello, 2006; Júnior, 2016). A escolha dessa abordagem justifica-se pela necessidade de ir além de uma análise superficial, buscando compreender como as tensões sociais, as identidades e as ideologias são construídas e negociadas no âmbito da comunicação. Ao investigar como a memória e as referências culturais moldam as interações, pretende-se revelar o poder da linguagem como agente de transformação, resistência e controle social nesse universo ficcional. Desta forma, o presente estudo contribui para os estudos da comunicação, da cultura e da análise do discurso, ao evidenciar a relevância de se analisar produtos culturais contemporâneos como reflexo das complexas dinâmicas sociais da nossa própria realidade. A cultura fornece o substrato para a construção da história, manifestando-se nos temas e enredos que ecoam os mitos, valores e conflitos de uma sociedade. A linguagem cinematográfica, por sua vez, é a gramática que articula esse conteúdo cultural. O uso de elementos como o plano e o ângulo da câmera, a montagem e a trilha sonora não são escolhas aleatórias (Mascarello, 2016). A distância e a posição da câmera em relação a um personagem podem sugerir intimidade ou distanciamento, enquanto a montagem estabelece o ritmo e a fluidez da história, organizando a informação para o espectador (Júnior, 2016).

Palavras-Chave: ADE; Rainha de Katwe; Cultura; Linguagem.

**O USO DA LÍNGUA PARA COMPREENDER SEU FUNCIONAMENTO:
TEXTOS DA MAFALDA COMO PONTO DE PARTIDA NAS AULAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

Mel Lissandra de Castro (UFG)

Anderson Nowogrodzki da Silva (UFG)

Esta é uma proposta para aula de Língua Portuguesa indicada ao quarto ano do ensino fundamental, que toma como ponto de partida os textos de Mafalda, uma personagem dos quadrinhos de Quino que gosta de pensar o mundo de forma crítica utilizando figuras de linguagem. O objetivo é trazer reflexões para se pensar a construção de uma educação ecossistêmica, que torna indispensável a desconstrução de um modelo hierárquico de ensino e adota uma relação horizontal entre professores e alunos e entre estes últimos, ao construir conhecimentos. Este estudo é parte de uma pesquisa bibliográfica sobre as obras de Magda Soares e Paulo Freire, em articulação com a Linguística Ecossistêmica, que destacam o caráter pedagógico e político da dialogicidade ao formular novos sentidos pela interação e da epilinguística, que possui a finalidade de levar os estudantes a refletirem sobre o sentido da própria língua. Os resultados evidenciam a possibilidade de se realizar uma aula de Língua Portuguesa em que os alunos fazem leituras, tomam a posição de pesquisadores, levantam questões linguísticas, sociais, culturais que aparecem no texto e as discutem, não apenas com o intuito de compreender os sentidos, mas de transformá-los em novos sentidos. Conclui-se que existe a necessidade de se pensar as aulas de Língua Portuguesa em um momento de estudo da língua, compreendendo o ato de ensinar e de aprender como interdependentes, não apenas em seus aspectos formativos, mas em seus conteúdos e intencionalidades, para que o foco não se concentre na gramática, mas na interação, com o propósito de que os estudantes compreendam o funcionamento da língua.

Palavras-chave: educação ecossistêmica; relação horizontal; epilinguística

NOVAS CATEGORIAS DE ANÁLISE PARA A ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA: UM OLHAR INTEGRADOR SOBRE A DINÂMICA DISCURSIVA

Anderson Nowogrodzki da Silva (UFG/GEPL/NELIM)

A Análise do Discurso Ecológica (ADE), conforme desenvolvida no contexto brasileiro por autores como Couto e Fernandes (2021) e fundamentada na Linguística Ecológica, amplia a compreensão da linguagem como prática viva e interdependente, situada em ecossistemas naturais, sociais e mentais. Este trabalho propõe a sistematização de novas categorias analíticas que visam aprofundar a dimensão ecológica do discurso, articulando aspectos linguísticos, ideológicos e materiais. As categorias sugeridas possibilitam observar como os discursos emergem, se adaptam e se transformam em ambientes comunicativos complexos. Inspirada também por perspectivas marxistas sobre linguagem e sociedade, a proposta reconhece que o ecossistema discursivo reflete e reproduz as tensões entre hegemonia e resistência, evidenciando a circulação desigual de vozes e sentidos. Assim, a ADE é compreendida como instrumento crítico de leitura do mundo, que permite investigar a manutenção e a contestação de estruturas de poder nos fluxos discursivos. Embora o foco principal deste trabalho esteja na fundamentação teórica e na formulação das categorias, alguns exemplos de aplicação serão apresentados, a fim de ilustrar suas potencialidades para compreender práticas discursivas em contextos contemporâneos. Busca-se, portanto, consolidar a ADE como campo de análise que alia compromisso ético, sensibilidade ecológica e consciência social.

Palavras-chave: Análise do Discurso Ecológica. Linguística Ecológica.
Ecologia da linguagem. Discurso e sociedade.

14 de novembro de 2025 – Palestra (9h – 10h)

TÓPICOS DE ANTROPOLOGIA DO IMAGINÁRIO PARA UMA EDUCAÇÃO LEITORA

Zilda Dourado (NELIM/ UEG)

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar conceitos importantes da Antropologia do Imaginário direcionados para práticas de formação de leitores, especificamente de clubes de leitura. Nos últimos anos, os clubes de leitura têm sido práticas frequentes em diferentes segmentos sociais, consolidando-se como espaços de sociabilidade em prol da Literatura. Dentro desse contexto, as imagens simbólicas de um texto literário emergem durante a leitura e discussão no interior de um clube de leitura. Em razão disso, o trajeto antropológico de Durand (2002) pode ser uma categoria de análise importante a criação de uma mediação de leitura baseada na movimentação dos símbolos, dos arquétipos e dos mitos presentes em um texto literário. Nesse sentido, a Antropologia do imaginário pode ser uma base teórica interessante para conduzir os mediadores de clubes de leitura em seu trabalho de promoção da educação leitora humana e artística.

Palavras-chave: Clubes de leitura. Trajeto Antropológico. Literatura. Imaginário

14 de novembro de 2025 – Sessão de comunicações (10h15 - 12h)

**O DIALOGISMO DAS REPRESENTAÇÕES FEMININAS: ANÁLISE DA
“FINAL GIRL” NO HORROR SLASHER CLÁSSICO E CONTEMPORÂNEO
PELA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA**

Letícia Elias Costa (UFG)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/ CNPq/ Nelim)

Na década de 1970, um subgênero dentro do terror ganha força no cinema: o slasher, no qual há a presença de um assassino, normalmente mascarado, perseguindo e assassinando jovens. Dentro deste subgênero surge também uma figura que rapidamente se torna um estereótipo: a “Final Girl”, ou seja, a protagonista feminina que se torna a última – ou uma das últimas – sobrevivente ao final do filme. Considerando a figura da “Final Girl” como um ponto de tensão discursiva que pode ser utilizado para questionar ou reforçar narrativas sociais sobre gênero, moralidade, violência e trauma; o objetivo da pesquisa é mapear e analisar como o dialogismo dessa representação se manifesta nos ecossistemas natural, mental e sócio-histórica; além de investigar como esta representação feminina é posta em cena de modo a corroborar a ideologia dominante e como isso se transformou ou se manteve ao longo do tempo. Para isto, serão analisados os filmes *Halloween: A Noite do Terror* (1978) e *A Morte Te Dá Parabéns* (2017). O estudo nos revela o reforço das narrativas sociais dominantes acerca de gênero, tendo a “Final Girl” como ápice de atenção discursiva e ideológica, nos mostrando a convergência das vozes sociais acerca de gênero, moralidade e violência, inicialmente optando por um monologismo e posteriormente abrindo certo espaço para a alteridade.

Palavras-chave: Horror. Dialogismo. Ideologia. Análise do Discurso Ecológico.

RAÍZES QUE FALAM: MEMÓRIA E TESTEMUNHO NA POESIA DE CONCEIÇÃO LIMA

Fernanda Sousa Rosa (G-UEG-Câmpus Sudoeste/Quirinópolis)

Zilda Dourado Pinheiro (Orientadora-UEG-Câmpus Sudoeste/Quirinópolis)

Este artigo propõe uma análise do poema “1953”, presente na obra *A Dolorosa Raiz do Micondó*, de Conceição Lima, à luz dos conceitos de memória coletiva de Maurice Halbwachs (2006), literatura de testemunho de acordo com Seligmann-Silva (2010) e da Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand (2012). A escolha do poema se justifica por sua potência simbólica e histórica, uma vez que remete ao massacre de Batepá, ocorrido em 1953 no arquipélago de São Tomé e Príncipe, episódio de extrema violência e repressão política, silenciado por muito tempo nos discursos oficiais. A obra de Lima (2006) recupera essa memória interditada, transformando a poesia em um espaço de resistência, denúncia e reconstrução identitária. Por meio de uma linguagem poética e profundamente expressiva, a autora constrói uma narrativa que entrelaça o individual e o coletivo, refletindo sobre as raízes ancestrais que sustentam a identidade são-tomense. Sob a ótica da Antropologia do Imaginário, conforme Gilbert Durand (2012), o poema revela um conjunto de imagens simbólicas e arquétipos que traduzem o sofrimento humano e a perda da consciência histórica, como nas metáforas das “lulas sem olhos”, das “pombas sem asas” e do “leite das mães” que seca, símbolos que emergem de um imaginário coletivo de dor e resistência. A memória coletiva, conforme propõe Maurice Halbwachs (2006), atua como mecanismo essencial de coesão social, permitindo que os indivíduos reforcem laços de pertencimento e construam um senso de identidade comum, orientando a forma como os grupos interpretam sua história e compreendem o presente. Já segundo Márcio Seligmann-Silva (2010), a literatura de testemunho busca dar voz às experiências de dor e silenciamento vividas por grupos oprimidos, utilizando a escrita como instrumento de preservação da memória e denúncia das violências históricas. Assim, a poesia de Conceição Lima reafirma a literatura como prática de memória, imaginação e reparação, especialmente em contextos pós-coloniais, nos quais o resgate das vozes silenciadas constitui um ato de resistência e reconstrução histórica.

Palavras-chave: Imaginário. Memória. Testemunho.

**A OBRA DE PAULINA CHIZIANE NA ESCOLA: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA DE UMA AÇÃO DO PIBID INTERDISCIPLINAR
LETRAS/EDUCAÇÃO FÍSICA**

Jardeane da Silva Oliveira, Karina Alves Da Costa Dos Santos Santos,
Maria Fernanda Cândido Ferreira, Lorenzo Santos de Menezes
(G-UEG – Câmpus Sudoeste/Quirinópolis)
Profa. Dra. Zilda Dourado, Profa. Me. Tereza Cristina da Silva e Sousa
(Orientador-UEG – Câmpus Sudoeste/Quirinópolis)

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar um relato de experiência sobre uma sequência didática (doravante SD), em andamento, a respeito da leitura do conto “Maundlane – O criador” da escritora Paulina Chiziane, de Moçambique, planejada pelo núcleo de Letras do PIBID Interdisciplinar Letras/Educação Física. Essa sequência é direcionada para as turmas do 7º ano do Colégio Estadual Frederico Gonzaga Jayme, da cidade de Quirinópolis. O objetivo dessa SD é a de desenvolver estratégias de leitura e de interpretação de texto, a partir da leitura dos símbolos da referida narrativa. A fundamentação teórica e metodológica baseia-se em Lélia Gonzalez (2018), a respeito da valorização da cultura africana no Brasil, em Gilbert Durand, com a Antropologia do Imaginário, para o trabalho de interpretação dos símbolos; e em Rildo Cosson (2014), com a sequência didática básica do Letramento literário, a respeito dos procedimentos de leitura, de discussão, de interpretação e de produção textual direcionados para o texto literário. A justificativa para a realização dessa SD com o conto da Paulina Chiziane está respaldada na lei 10639/2003, que determina o estudo das culturas africanas e afro-brasileiras nas escolas da educação básica do Brasil. Também pela importância de mostrar o trabalho literário da referida autoria, a primeira mulher negra a ganhar o Prêmio Camões de Literatura, no ano de 2021. Até o presente momento, a turma fez uma aula de motivação e introdução, apresentando o projeto, seguido da leitura e interpretação do conto “Maundlane – o criador”. Por último, o grupo fez uma aula sobre a cultura de Moçambique. Agora, o grupo está na fase da criação de uma adaptação do conto para uma peça teatral.

Palavras-chave: PIBID. Letramento Literário. Paulina Chiziane. Moçambique.

SALA DE AULA, BERÇO DE CULTURA: ETNOLITERATURA E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA ESCOLA PÚBLICA

Priscylla Alves Lima (UFG)

Este artigo examina o ensino de Língua Inglesa na escola pública considerando a sala de aula como um microssistema cultural atravessado por práticas de significação. A partir de uma articulação entre perspectivas etnográficas e de educação linguística para e com crianças (Geertz; Sapir; Tonelli) e fundamentos dos gêneros e da análise do discurso (Bakhtin; Genette, Foucault), analisa-se criticamente a forma como documentos curriculares brasileiros e municipais isolam a categoria “cultura”, apesar de seu caráter constitutivo. Argumenta-se que a literatura, sobretudo quando produzida pelos próprios estudantes, evidencia a relação estrutural entre língua, cultura e subjetividade. Com base em registros de campo e em práticas de escrita literária no 6º ano, propõe-se o conceito de etnoliteratura para designar a produção textual infantil como escrita de si e como artefato cultural situado. Defende-se que essa perspectiva descoloniza o ensino de línguas, reinsere a cultura como eixo estruturante da Educação Linguística e tensiona o foco avaliativo dos documentos oficiais, reafirmando a centralidade da experiência estética do aluno no processo de aprender inglês.

Palavras-chave: etnoliteratura; cultura escolar; ensino de Língua Inglesa; educação linguística; análise do discurso; etnografia.

14 de novembro de 2025 – Sessão de comunicações (14h – 15h)

A SIMBOLOGIA DO DIÁRIO DE VIAGEM PARA ACADÊMICOS DO CURSO DE LETRAS

Zilda Dourado (NELIM/UEG)

Alexandre Ribeiro Aquino (UEG)

Este trabalho tem como objetivo descrever e analisar os símbolos mais recorrentes em amostras de diários de viagem, produzidos pelos acadêmicos do curso de Letras da UEG – Câmpus Sudoeste, durante a visita técnica para o 13º FLIARAXÁ – Festival Literário de Araxá, nos dias 03 a 05 de outubro de 2025. O diário de viagem é considerado um gênero literário, de grande carga simbólica, produzido pela experiência pessoal do viajante. Com essa perspectiva em vista, a realização desse texto foi proposta sob um viés psicoterapêutico, pois a escrita de si possibilita um movimento de elaboração subjetiva, funcionando como espaço de autorreflexão e de integração de vivências emocionais, na medida em que o ato de se narrar mobiliza conteúdos simbólicos do inconsciente e promove o autoconhecimento. Do ponto de vista psicanalítico, a escrita de si constitui um espaço de ressignificação do inconsciente, onde o simbólico atua como mediador entre o eu e suas vivências. Sob o viés literário, com base na Antropologia do Imaginário, de Gilbert Durand (2002), segundo o qual as nossas criações são fundamentadas pelo arcabouço de imagens simbólicas e de suas relações no psiquismo humanos, isto é, pelo imaginário. Dessa maneira, os textos literários apresentam símbolos provenientes do imaginário individual em interação com um imaginário coletivo, dinamizados pelo *Trajetos Antropológico* aos níveis do biologismo, do psiquismo e do meio cósmico e social. Os diários de viagem materializam a viagem como um rito de passagem na vida dos viajantes, em que a passagem do tempo na transição de um espaço para o outro, do cotidiano para o tempo suspenso.

Palavras-chave: imaginário. escrita de si. simbologia.

O ESTUDO SIMBÓLICO DO POEMA “JARDIM FECHADO”, DA LEODEGÁRIA DE JESUS, SOB O VIÉS DA ANTROPOLOGIA DO IMAGINÁRIO

Zilda Dourado Pinheiro (NELIM/UEG)

Rosangela do Nascimento Costa (UEG)

O presente trabalho tem como objetivo geral descrever e analisar os símbolos do poema “Jardim Fechado” da Leodegária de Jesus. Essa análise começou a ser desenvolvida no curso de extensão “Goiás em versos: um clube de leitura”, desenvolvido no primeiro semestre de 2025, pelo Programa de extensão LEALL – Laboratório de ensino e aprendizagem de Línguas e Literaturas do curso de Letras da UEG – Câmpus Sudoeste (sede em Quirinópolis). A fundamentação teórica está ancorada na teoria da Antropologia do Imaginário, de Gilbert Durand (2002), segundo a qual o imaginário é um conjunto de imagens e de suas relações, presente no psiquismo humano. Essas imagens são dinamizadas pela imaginação, como uma faculdade de assimilar, reproduzir, perceber e criar imagens provenientes do meio cósmico e social. Desse modo, a análise dos símbolos do referido poema será feita a partir do levantamento das principais metáforas, em diálogo com a perspectiva epistemológica da metáfora, proposta por Lakoff e Johnson (2002). Para Durand (2002), as metáforas são imagens simbólicas provenientes do imaginário. Nesse sentido, o poema apresenta as metáforas assentadas no discurso da antítese (eu vs outro; amor vs amargura; luz vs escuridão; fé vs descrença), proveniente entre o regime diurno das imagens, configurando o sentimento da amargura apresentada pelos versos.

Palavras-chave: Imagem. Leodegária de Jesus. Imaginário. Poesia goiana.

ABORDAGEM LINGUÍSTICO-ECOSSISTÊMICA DA COMUNIDADE DE FALA VÃO DE ALMAS

Gilberto Paulino de Araújo (UFT/MinC/GEPL)

Hildo Honório do Couto (UnB/GEPL)

Adão Fernandes da Cunha (UnB/GEPL/Soleduc)

O objetivo desta comunicação é apresentar a comunidade de fala (CF) Vão de Almas, parte integrante do Quilombo Kalunga, localizada no norte do estado de Goiás, sob a perspectiva da Linguística Ecológica (LE). A noção de comunidade de fala, na LE, amplia a perspectiva tradicional da sociolinguística ao articular língua, povo/cultura e território/meio ambiente como dimensões interdependentes (COUTO, 2016; 2021). Nessa perspectiva, a CF é compreendida como um ecossistema linguístico formado por um conjunto de pessoas que compartilham práticas comunicativas (saberes/fazer) no território em que vivem. A metodologia adotada baseia-se no método da focalização, uma metodologia de natureza qualitativa, fundamentada no tripé Língua-Povo-Território (L-P-T). A imersão no território kalunga considerou diferentes contextos sociais – práticas agrícolas, rituais religiosos e festividades, processos educativos formais e não formais etc. – e a forma como esses contextos se manifestam na linguagem. Assim, o Vão de Almas constitui uma comunidade de fala com forte vínculo com o território. O modo de vida local, marcado pela agricultura tradicional, pela religiosidade e pela oralidade, revela-se como um ecossistema linguístico que integra um ecossistema cultural mais amplo. A língua falada, variante do português rural brasileiro, é permeada por palavras e expressões lexicais associadas ao Cerrado e aos saberes e fazeres compartilhados de forma comunitária.

Palavras-chave: Linguística Ecológica. Comunidade de fala. Ecossistema linguístico; Quilombo Kalunga. Vão de Almas.

A POESIA DE MÁRCIA KAMBEBA NA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID INTERDISCIPLINAR LETRAS/EDUCAÇÃO FÍSICA

Fabrienny Vieira Alves, Gabriel Ferreira de Sousa,
Danielle Souza Martins, Náthany Gomes da Silva
(G-UEG – Câmpus Sudoeste/Quirinópolis)

Profa. Dra. Zilda Dourado Pinheiro; Profa. Me. Tereza Cristina da Silva e Souza
(Orientador-UEG – Câmpus Sudoeste/Quirinópolis)

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar um relato de experiência sobre a realização de um projeto de intervenção a respeito da cultura indígena, desenvolvido no dia 30 de abril de 2025, no Colégio Estadual Dr. Onório Pereira Vieira, pelo PIBID interdisciplinar de Letras/Educação Física. Essa ação proporcionou aos alunos do 8º ano um contato literário com a diversidade da cultura indígena, bem como a importância de se conhecer a história na perspectiva dos povos originários. A fundamentação teórica está embasada na lei 11.645/2011, que torna obrigatório o ensino da história e cultura indígenas na educação básica; e na obra de Márcia Wayna Kambeba (2013), indígena poeta, com formação em Geografia e em Letras. A metodologia está embasada na Sequência Didática básica do Letramento literário, dividida em quatro partes: motivação, introdução, leitura e interpretação, segundo Cosson (2014). Para a realização do projeto, o PIBID de Letras apresentou poemas de Márcia Wayna Kambeba para as turmas do 8º ano e os motivou a escrever poemas autorais, a partir da compreensão deles da obra da poetisa indígena. Depois disso, em conjunto com o núcleo de Educação Física, o PIBID montou uma apresentação cultural com danças indígenas e proclamação dos poemas autorais dos alunos. A apresentação também contou com a exposição de artefatos da rotina dos povos originários. Assim, os alunos do oitavo fizeram a apresentação para os demais colegas no pátio da escola. O desenvolvimento desse projeto aumentou o repertório literário dos integrantes do PIBID; trouxe maior conscientização da história e cultura indígenas na escola; e, por fim, destacou o protagonismo dos estudantes na apresentação cultural. Por fim, agradecemos à CAPES e à UEG pelo apoio e pelo fomento para a realização desse trabalho.

Palavras-chave: PIBID. Povos originários. Letramento literário. Márcia Wayna Kambeba.